



“TOCAIA GRANDE: A FACE OBSCURA”: REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL E AS PERSPECTIVAS POLÍTICAS SOBRE A IDENTIDADE NACIONAL NA LITERATURA DE JORGE AMADO

ISABEL NOÊMIA BRANDÃO MOUTINHO³⁴

RESUMO

Este artigo pretende apresentar a vida e obra do escritor baiano Jorge Amado, examinando o cruzamento entre a sua carreira e experiência política na compreensão dos acontecimentos sociopolíticos que moldaram a identidade nacional brasileira traduzidos ao longo de suas obras sobre a região do cacau, particularmente no romance Tocaia Grande: a face obscura (1984), publicado no período de redemocratização do Brasil.

Palavras-Chave: identidade nacional; Jorge Amado, ditadura militar; literatura.

ABSTRACT

This article aims to present the life and work of the Bahian writer Jorge Amado, examining the intersection between his career and political experience in understanding the sociopolitical events that shaped Brazilian national identity translated throughout his works on the cocoa region, particularly in the novel Tocaia Grande: a face obscura (1984), published during the period of redemocratization in Brazil.

Keywords: national identity; Jorge Amado, military dictatorship; literature.



INTRODUÇÃO

Filho de um sergipano migrado para Bahia para tornar-se fazendeiro de cacau, Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912 em Itabuna, mudando-se para Ilhéus com um ano de idade. Aos 16 anos, conheceu o Candomblé, tornando-se Ogã de Oxóssi e posteriormente entrando para o Ilê Axé Opô Afonjá, na Bahia, como Obá de Xangô. Após publicar seus primeiros dois romances: *O país do carnaval* (1931) e *Cacau* (1933) formou-se em direito pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro em 1935, e foi nesse período que se tornou militante comunista, uma ameaça no regime de Vargas, o que o fez exilar-se na Argentina e no Uruguai entre 1941 e 1942. Em 1945, foi eleito deputado federal e membro da Assembleia Constituinte, onde foi autor da emenda constitucional (§ 6º do artigo 5º) que assegura a liberdade religiosa. (FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO, 2020)

Tendo a história e a política como um plano de fundo contínuo de sua vida pessoal, as produções amadianas carregam inegavelmente a influência dessas perspectivas ao longo de toda sua trajetória artística, pois, como afirma Antonio Cândido, “o grande arsenal do romancista é a memória, de onde extraí os elementos da invenção [...] Cada escritor possui suas ‘fixações da memória’ que preponderam nos elementos transpostos da vida. (CANDIDO, 1963, p.15)

Publicado em 1984, o romance *Tocaia Grande: a face obscura*, é a última obra de Jorge Amado centrada na temática do cacau, após a publicação da trilogia do cacau: *Cacau* (1933), *Terras do Sem-fim* (1943), e *Gabriela, Cravo e Canela* (1958). O autor retoma o tema em *Tocaia Grande* durante o período de abertura política do regime militar de 1964. É imprescindível, portanto, fazer uma conexão com o contexto político de sua publicação e com as opiniões ideológicas do autor, já que Jorge Amado foi durante muitos anos filiado bastante atuante do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Foi eleito deputado pelo partido e acusado de escrever literatura como propaganda socialista. Apesar da acusação ser negada diversas vezes pelo autor, suas ideias políticas, obviamente, influenciam suas obras seja direta ou indiretamente, fazendo, inclusive, com que sua literatura tenha sido separada pela crítica em duas fases que consideram sua atuação no PCB³⁵, como evidencia

Célio R. S. Ribeiro Filho:

*dividida as décadas de 30, 40 e grande parte de 50, coincidindo com as fases com que o escritor foi membro do Partido Comunista. O segundo se inaugura com *Gabriela, Cravo e Canela*, publicado em 1958, que assinala uma mudança de tom, indo dos livros com preocupação de denúncia social para os romances de costumes.* (RIBEIRO FILHO, 2013, p. 83)

35 Partido Comunista Brasileiro



Devido a seu desligamento do Partido Comunista, segundo o próprio, motivado pelo desgosto com as políticas partidárias, Jorge Amado passa por uma mudança em sua escrita, de maneira a considerar nuances das relações de poder dentro da estrutura econômica e cada vez mais abrasileirar sua análise, num sentido de compreender os mosaicos que constroem a diversidade brasileira.

O primeiro romance publicado na temática do cacau, *Cacau* (1933) é pequeno e mais direto, tratando de maneira politicamente mais explícita sobre as relações de poder coronelistas da região do cacau, os outros da trilogia “são apresentados como fontes que transportam com poesia, sangue e sedução pela história e pela geografia do Sul da Bahia, pela vida agitada da cidade litorânea de Ilhéus e suas redondezas, durante as primeiras décadas do Século XX”.(RIBEIRO FILHO, 2013). Em *Tocaia Grande: a face obscura* (1984) temos configurações um pouco diferentes e isso se deve à maturidade e experiência na escrita, mas também a uma mudança na visão política de Jorge Amado, tendo saído de uma perspectiva mais sectária (termo usado pelo próprio autor) de partido, para um retorno às suas próprias origens e percepções do povo das terras grapiúnas.

Tocaia Grande: o retorno ao cacau

O romance *Tocaia Grande: a face obscura* (1984) foi publicado no período de abertura política do regime militar e é a última obra sobre o tema do cacau escrita por Jorge Amado, sobre o retorno a temática após 50 anos do primeiro romance, afirma o autor: “eu queria voltar a esse tema, a essa região, porque eu achava que ainda tinha coisa a dizer” (AMADO, 1984) E, de fato, o universo amadiano do cacau e seus enfoques em minorias políticas permanecem no romance, mas com uma maior complexidade na construção das personagens e de suas relações, como explicita Ana Maria Machado:

é como se, de alguma forma, a sensibilidade do autor, ao se livrar de um modelo que reduzia tudo à luta de classes, passasse então a perceber que há muitas outras formas de dominação na sociedade brasileira, todas merecendo sua atenção. E, assim, sentisse necessidade de incorporar outras narrativas marginais, oferecendo em suas páginas outras vozes subalternas (MACHADO, 2006, p. 102).

O romance pretende contar a história de criação da cidade de Irisópolis, a partir de um “falso relato histórico” narrado em flashback, no qual o narrador nos apresenta a história não-oficial da fundação de uma cidade por pessoas do povo, a chamada Tocaia Grande. No início, são apresentadas as personagens Natário, “um capataz de face larga de



índio, cabelos negros, escorridos, maçãs do rosto salientes, olhos miúdos e argutos” e seu patrão, Coronel Boaventura, que, após a morte de muitos jagunços do Coronel Elias Dalto em um confronto armado, conversam sobre os próximos passos para a conquistar o poder do Coronel vencido. Então, Natário propõe que criem uma grande tocaia para dar fim aos jagunços enviados pelo Coronel Elias:

eu estou falando de uma tocaia grande que é do que nós precisa. Andam dizendo por aí que os homens que o coronel Elias contratou vão ir para Itabuna por esses dias, mais hoje mais amanhã. Pra cima de vinte homens... – Reforçou a voz: – Com um pé de pau e um vivente não basta não senhor. Estavam a par dos movimentos do coronel Elias, do recrutamento de jagunços, alguns vindos de longe, escolhidos a dedo para garantir a posse do advogadozinho de meia-pataca, eleito intendente com a caução do governador. (AMADO, 1984, p. 22)

A disputa por terras, o coronelismo e as relações de poder no campo são temáticas centrais durante toda a obra e é nessa ambientação que se desenvolverá a fundação de Tocaia Grande. Por todos os serviços prestados por Natário, o Coronel lhe prometeu um pedaço de terra, que o seria entregue após o sucesso da tocaia proposta pelo capataz. Mas, ao chegar ao lugar da tocaia, Natário, em uma de suas atestações quase proféticas, estabelece que lá será sua terra e que, posteriormente, a transformaria em cidade.

Mas, quando chegaram ao alto da colina, não pôde conter uma exclamação ao des cortinar o imenso descampado, o vale se estendendo nas duas margens do rio, vista soberba, um deslumbramento. – Lugar mais bonito! Natário balançou a cabeça, concordando: – É onde vou fazer minha casa, coronel, quando a peleja acabar e vosmice cumprir o trato. Isso aqui ainda há de ser uma cidade. Tão certo, nem que eu estivesse vendo. – Fitava ao longe, parecia enxergar além do horizonte, além do tempo. Mais uma vez o coronel sentiu aguçar-se a dúvida: o mameluco seria vidente? (AMADO, 1984, p. 23)

Após se apossar de sua terra prometida pelo Coronel, Natário começa a construção de Tocaia Grande. Um lugar que tem sua construção dividida em fases até tornar-se uma cidade, nasce por um sonho de independência do talentoso mameluco sergipano, que escolhe seguir se dedicando unicamente ao desenvolvimento de Tocaia após o falecimento do Coronel Boaventura. Em cada etapa da construção, o autor apresenta as personagens que serão centrais para que ela se faça possível. Começa pelo capítulo “O ponto de pernoite”, que narra a chegada de Fadul Abdala, um turco comerciante atraído pelas prostitutas, as quais são as primeiras habitantes e trabalhadoras de Tocaia Grande, como



observa Célio Ribeiro Filho:

As prostitutas não estão à margem da sociedade representada pelo romance Tocaia Grande (1984), pelo contrário, elas são personagens quase centrais na obra. Inicialmente, as putas exerciam seu ofício visitando as propriedades rurais, e passam então a se fixar no ponto de pernoite de tropeiros que logo mais se tornaria o povoado Tocaia Grande. (RIBEIRO FILHO, 2013, p. 90)

Analogamente, no Brasil Colônia, a prostituição de mulheres escravizadas e em extrema pobreza mantinha-se num sentido de equilíbrio clandestino da sexualidade podada pela Igreja Católica. Algo que fazia parte das noites do Brasil, no romance, é trazido à luz como personagens centrais para a movimentação e desenvolvimento do lugar.

No período colonial brasileiro as mulheres eram peças fundamentais para a construção da nova terra, porém a elas foi relegado um papel secundário ou quase invisível no meio social. O cotidiano feminino era marcado por rígido controle e a mentalidade da época era impregnada de mitos e superstições. No período colonial brasileiro as mulheres eram peças fundamentais para a construção da nova terra, porém a elas foi relegado um papel secundário ou quase invisível no meio social. O cotidiano feminino era marcado por rígido controle e a mentalidade da época era impregnada de mitos e superstições. (DA SILVA E CASTILHO, 2014, p. 257)

Um pouco adiante, também atraído pelas prostitutas, chega Castor Abduim, após fugir do engenho onde vivia em condição de escravidão, ao se tornar livre de uma maneira inusitada. O ferreiro esbofeteou o barão que lhe assenhoreava, após ser pego por ele ficando com sua mucama, numa cena jamais imaginada em um contexto colonial. E é esse senso de liberdade e insubordinação de Castor que o conduzirá à Tocaia Grande, onde cria sua ferraria, uma contribuição essencial porque proporcionou a chegada das ferramentas e da primeira casa de pedra e cal do arruado.

Com o passar do tempo, Tocaia Grande se transformou no ponto de pernoite preferido pelos tropeiros que vinham da enorme área do rio das Cobras na qual se localizava grande número de propriedades, entre elas algumas das maiores fazendas da região. [...] A primeira casa de pedra e cal foi erguida pelo negro Castor a fim de abrigar o malho e a bigorna [...] (AMADO, 1984, p. 75)



Prostitutas, negros, sergipanos, imigrantes, trabalhadores, ciganos, a diversidade de povos marginalizados é retomada por Jorge Amado em Tocaia Grande na condição fundadora. E, dentre essas importantes figuras que constroem a narrativa, destacam-se Capitão Natário e Castor Abduim, sendo o fundador e o ferreiro centrais no desenvolvimento das temáticas raciais, políticas e religiosas que permeiam o imaginário de Jorge Amado, como também a própria história de construção cultural e identitária do Brasil.

A identidade nacional, conceituações, especulações no Brasil e na literatura de Jorge Amado

Na Europa do século XVIII, após a Revolução Francesa romper com os ideais econômicos e filosóficos da Idade Média, a configuração dos Estados não deveria mais responder a um poder abstrato celestial em detrimento da Razão. Tendo em vista os ideais iluministas e a necessidade de reconstrução político-social, foi criado o Estado-nação independente e soberano, o qual responde unicamente aos interesses do povo que o constitui. Entretanto, esse povo era composto por vários povos, os quais não possuíam os mesmos interesses entre si e, diante da diversidade cultural, que compunha a Europa, para que o modelo de Estado-nação fosse legítimo, era necessário criar uma ideia de identidade nacional que pudesse abarcar com uma maior universalidade essas diversidades. Como nos fala o sociólogo Stuart Hall (1992), acerca da homogeneização da identidade:

As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas. A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. (HALL, 1992. p. 49)

Portanto, o conceito de identidade nacional se trata de uma construção simbólica de imaginário social que suprime as diversidades culturais regionais de forma a homogeneizá-las e institui as regras comportamentais e sociais correspondentes ao ideal de país unificado. A identidade nacional oficial é uma ficção que prevê criar uma ideia do real que se sobreponha a ele como dever, para tornar legítimo o poder do Estado-Nação.

Nas palavras de Zygmunt Bauman, a “ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’



e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia - recriar a realidade à semelhança da ideia" (BAUMAN, 2004. p. 26). Diante da abordagem de Bauman, que expõe a identidade nacional como um "dever de ser" a partir de uma ideia, é importante entender qual é essa ideia que construirá a identidade nacional. Para isso, cabe lembrar o pensamento de Karl Marx e Friedrich Engels, o qual nos explica que "as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes" (ENGELS, MARX, 2007. p.72). Dessa forma pode-se concluir que as identidades nacionais serão construídas a partir do imaginário das elites políticas, intelectuais e econômicas de determinado tempo e espaço.

Analogamente, o processo de criação do Estado-nação no Brasil ocorreu no Governo de Getúlio Vargas, o qual era filho de estancieiros e parte da elite do país, que era majoritariamente agrária. O modelo agrário de país possuía uma política institucional com pouca força e o poder descentralizado nos coronéis responsáveis por boa parte da economia do país. A política dos governadores estruturada pelo poder dos coronéis foi por mais de 40 anos a forma de decisão e organização política do Brasil, tal organização era paralela a política das instituições tradicionais e possuía suas próprias regras decisivas que se baseavam na disputa armada de terras. Tendo em vista a constituição do país e sua dependência econômica das terras, pode-se concluir que a elite é agrária e, portanto, se define como aqueles que possuem o domínio das terras produtivas e improdutivas presentes no Brasil. Sobre essa estrutura de Brasil agrário, é válido considerar o pensamento de Bresser-Pereira:

A partir dessa crítica, sem dúvida extremamente aguda, da cultura oligárquica e semicolonial que dominava o país, os novos intérpretes propõem-se buscar uma identidade cultural nacional e a formular um projeto nacional para o Brasil: um projeto de industrialização e independência política. Para formular esse projeto, parte-se de uma interpretação simplificada e ideologicamente comprometida, mas basicamente correta do processo histórico brasileiro até então. A sociedade é dividida em dois grandes blocos. De um lado, a oligarquia agrário-mercantil dominante, aliada ao imperialismo, opõe-se à industrialização brasileira e busca manter o status quo semicolonial, semifeudal e primário exportador. De outro lado, sob a liderança de Getúlio Vargas e depois de Juscelino Kubitschek, temos o grupo modernizante: a burguesia industrial nacional, as classes médias técnicas (os tecnoburocratas) e ostrabalhadores urbanos, além de frações substituidoras de importação da velha oligarquia. (BRESSER-PEREIRA, 1997. p. 5)

Sob esse contexto, para o capitalismo se consolidar no Brasil, o governo de Getúlio Vargas também precisou desenvolver uma identidade nacional para se fazer legítimo e, por ser um país continental, teve boa parte de sua diversidade cultural compactada em símbolos



genéricos. Ao mudar a estrutura agrária para um sistema mais dependente do capital internacional, Vargas possibilitou uma descentralização da autoridade a partir de uma propagação do conhecimento por outros veículos vinculados ao mercado de comunicações. As técnicas de comunicação possibilitaram a globalização das ideias e um acesso a mais interpretações dos espaços próximos e distantes, “porque nos encontramos em um novo patamar da internacionalização, com uma verdadeira mundialização do produto, do dinheiro, do crédito, da dívida, do consumo, da informação.”(SANTOS, 2000. P. 30)

Como no Brasil a autoridade que construiu o ideal de povo era em comum com o poder imperial, toda a ciência e literatura era produzida para benefício do modelo colonizador: “A visão etnocêntrica [...] corresponde, na verdade, a tentativa de negar para em seguida poder atribuir, às terras e aos povos recém-descobertos uma identidade, construída à imagem e semelhança dos dominadores.”(BERND, 1992, p. 22) Desse modo, a ruptura com o modelo econômico anterior propiciou uma revisão dos conceitos que estruturavam a sociedade até aquele momento, uma crise identitária que resulta numa busca por compreender o que é ser brasileiro, já que o que foi estabelecido começa a perder o seu sentido de existência em detrimento das divergentes opiniões propiciadas pelo acesso às técnicas de informação do novo sistema do capital. Novamente, nas palavras de Bresser-Pereira:

Os formuladores da interpretação nacional-burguesa estavam, de um lado, constatando e analisando uma realidade - que depois seria chamada de pacto populista - e de outro lado estavam formulando um desejo ou sendo instrumentos de uma ideologia burguesa. A “burguesia nacional” em conflito com o imperialismo, e especialmente o caráter “feudal” da sociedade brasileira até 1930 eram duas construções ideológicas insustentáveis, às quais o Partido Comunista em especial, aderiu de maneira decidida nessa época, transpondo assim para o Brasil, de forma mecânica, as etapas da história domarxismo vulgar ou estalinista.” (BRESSER-PEREIRA, 1997. p. 5)

Como resultado do momento de reflexão sobre o país, nasce um choque de nacionalismos, entre reviver o passado e reconstruir o novo a partir da crítica a ele. Nesse sentido, os movimentos nacionalistas ufanistas, por meio do Golpe de 64, munidos de símbolos e idealizações, procuram defender, atualmente, o retorno ao momento em que o ideal de país ditava a realidade e suprimia as diversidades populares, num processo sempre anacrônico, sendo praticamente impossível de manter por muito tempo, já que não se pode regredir após o conhecimento de novas ideias e percepções de realidade. Tendo em vista o momento de discussão ideológica, quando há uma abertura do pensamento



político, o regresso político do regime militar não propõe uma mudança perene, mas sim, apenas um atraso nas reflexões mais libertárias sobre o país.

Nesse cenário, as manifestações culturais adquirem papel fundamental para a legitimação das políticas nacionalistas. E é na literatura que observamos, em vários momentos históricos, a busca constante e conflituosa pela construção de um projeto literário nacional, conforme nos elucida Leyla Perrone-Moisés:

Os nacionalismos literários latino-americanos, do Romantismo aos dias de hoje, têm essa característica de uma reivindicação que não conhece muito bem os limites dos direitos e das recusas, correndo sempre o risco de misturar razões políticas e econômicas com razões estéticas, e de querer eliminar um inimigo que, do ponto de vista da história cultural, é constitutivo de sua identidade. (PERRONE-MOISÉS, 2007. p. 249).

Em conflito com a repressão da construção militar de uma identidade nacional, a literatura se debruça em seu papel de compreensão das realidades que compõem o Brasil, através de um olhar que denuncia e espelha o país. De maneira mais aproximada, através da arte é possível captar as nuances culturais suprimidas pela homogeneização da identidade e pensar propostas de reivindicá-las. Nas palavras de Doris Sommer, os “romances iriam ensinar ao povo a sua história, seus hábitos que acabavam de se formular, e as idéias e sentimentos que vinham sendo modificados por acontecimentos sociais e políticos ainda não divulgados” (SOMMER, 2004, p. 24)

Considerando isso, é importante situar a literatura de Jorge Amado como fruto de um período em que a literatura brasileira se põe a repensar a estrutura, fazendo críticas ao modelo colonial, mas rejeitando o capitalismo como alternativa para uma mudança segura. Entende-se, pois, o contexto e o sentido das publicações do romance *Cacau* (1933) sobre a temática cacaueira durante o regime de Vargas, a qual posteriormente voltaria à baila, em seu projeto literário depois de 50 anos, com a publicação de *Tocaia Grande: a face obscura* (1984) no período pós ditadura militar. “Num certo sentido, frente à tradicional carência de estudos especializados, o romancista brasileiro que toma para si a incumbência de vasculhar o país, em sua geografia, sua história e suas instituições” (DIMAS, 1987, p. 16)

Com essa imcumbência, Amado revisita o passado na perspectiva dos múltiplos povos que ajudaram na construção do Brasil, o que havia “estado oculto quando terá sido o óbvio” (VELOSO, 1976), essa é a proposta que nasce num contexto de questionamento da identidade nacional e de sua história, conforme declara o próprio Jorge Amado:



Digo não quando dizem sim em coro uníssono. Quero descobrir e revelar a face obscura, aquela que foi varrida dos compêndios de História por infame e degradante; quero descer ao renegado começo, sentir a consistência do barro amassado com lama e sangue, capaz de enfrentar e superar a violência, a ambição, a mesquinhez, as leis do homem civilizado. Quero contar do amor impuro, quando ainda não se erguera um altar para a virtude. Digo não quando dizem sim, não tenho outro compromisso. (AMADO, 1984. p.15)

Tocaia Grande, então, é a realização ficcional de um desejo de voltar a um passado, quando ainda não existia o império das leis, numa construção através do respeito e morais que não correspondem ao ideal de civilização, mas de uma comunidade humana diversa e cooperativa.

CONCLUSÃO

O romance Tocaia Grande: a face obscura (1984) narra a construção de uma cidade por uma diversidade de povos que formam seus habitantes. Assim como o Brasil, Tocaia Grande nasce do trabalho e dedicação do povo; povo que se sintetiza na palavra, mas que não se resume a ela, já que toda sociedade é composta por uma relação, quase nunca homogênea, entre uma pluralidade de povos. A construção de uma identidade nacional oficial pretende suprimir e unificar essa diversidade, o que na obra de Jorge Amado toma um sentido oposto. O autor busca descentralizar a narrativa que propõe ditar o povo a partir da elite, expandindo a perspectiva da história para abordar as diferenças e características dos diversos povos que ajudarão em comum a construir “a comunidade humana” (AMADO, 2016) que é a cidade de Tocaia Grande.

A Identidade Nacional formulada no período de regime da Era Vargas (1930-1945) foi novamente utilizada em 1964 na Ditadura Militar como uma forma de unificação do país para responder aos interesses comuns da política internacional norte-americana, uma demanda do Governo Vargas para o Estado nação. Por ser um país continental em dimensão territorial, na realidade mosaica do país, ao mesmo tempo que cada região possui particularidades culturais, todas carregam uma história comum de colonização, escravidão e disputa de terras, podendo pensar e entender o país a partir de qualquer região.

Jorge Amado, como um homem político e um autor que conta a história dos costumes brasileiros a partir do regionalismo baiano desde seus primeiros romances, retoma em Tocaia Grande: a face obscura (1984), a temática do cacau e da disputa de terras. Em



entrevista, sobre Tocaia Grande, Amado afirma que “[...] achava que ainda tinha coisa a dizer” (AMADO, 1984), nesse sentido, retomar o tema significa revisitar a própria obra e como alguém que vive e escreve o Brasil, é revisitar sua análise sobre o próprio país. Com o período de repressão da Ditadura Militar e a afirmação contínua de uma identidade oficial, Jorge Amado parece utilizar sua obra para defender-se da homogeneização identitária, a partir de uma identidade local já comum às suas obras e através de um romance de fundação de uma cidade chamada “Irisópolis”, ele narra a construção plural de uma comunidade que a fundou e teve sua história apagada para dar lugar a identidade oficial de Irisópolis.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zigmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2004.
- BERND, Zilá. Literatura e identidade nacional. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- BRASIL, Lei n. 5.250, de 9 de fevereiro de 1967.
- BRESSER-PEREIRA, C. Luiz. Interpretações sobre o Brasil. In Maria Rita Loureiro, org. (1997) 50 anos de Ciência Econômica no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997: 17-69.
- CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2007 DASILVA, Letícia Ferreira; DE CASTILLO, Maria Augusta. BRASIL COLONIAL: AS MULHERES E O IMAGINÁRIO SOCIAL. N.12. São Paulo: Cordis, 2014. P. 257-279.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- Jorge Amado: Biografia. Fundação Casa Jorge Amado, 2020. Disponível em: <https://www.jorgeamado.org.br/sobre/>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- RIBEIRO FILHO, S. R. Célio. No Visgo Do Cacau: Coronelismo, Erotismo E Migração Sergipana na Obra Tocaia Grande (1984) De Jorge Amado. Ponta de Lança, São Cristovão,v.6, n.12, p. 73-97,out, 2013.
- TV CULTURA. Vox Populi - Jorge Amado. YouTube, 2016. Disponível em: <https://youtu.be/JYDMnwN4vBI?si=gh0fuwfO9YxCTGsQ>